

IMPROVISAÇÃO EM DANÇA COMO PRÁTICA ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: ressignificando o lugar do corpo na escola básica

DANCE IMPROVISATION AS ARTISTIC-PEDAGOGICAL PRACTICE IN ELEMENTARY SCHOOL: reframing the place of the body at basic school

Rafael Gouveia Bueno, UFU¹

Daniel Santos Costa, UFU²

RESUMO

Este trabalho investiga a improvisação em dança como prática pedagógica no Ensino Fundamental, buscando metodologias que valorizem autonomia, escuta sensível, criatividade e criação coletiva. A dança amplia a percepção de si, do outro e do mundo, favorecendo o desenvolvimento motor, expressivo e cognitivo. A pesquisa, de abordagem qualitativa e exploratória, será realizada em escola pública de tempo integral com crianças de 6 a 10 anos, utilizando oficinas práticas, observação participante, diário de campo e entrevistas semiestruturadas. Busca-se compreender como a improvisação instala outros modos de perceber o corpo, fissurando padrões pré-estabelecidos, e como elementos essenciais — espaço, tempo, relação e criação em tempo real — podem ser aplicados e ressignificados junto às crianças, reverberando nas dinâmicas pedagógicas da escola. Espera-se contribuir para práticas pedagógicas inclusivas, críticas e criativas, valorizando a improvisação como potente possibilidade de aprendizagem, expressão e transformação no cotidiano escolar.

PALAVRAS-CHAVE

Dança, educação básica, práticas pedagógicas, improvisação em dança.

ABSTRACT

This work investigates dance improvisation as a pedagogical practice in elementary school, searching for methodological skills that improve autonomy, sensitive listening, creativity and collective creation. Dance activities promote self-perception, also enlarging the acumen of others and world, supporting the motor, expressive and

¹ Doutorando em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialista em Dança e Consciência Corporal pela Universidade Estácio de Sá. Licenciado em Educação Física pelo Instituto Luterano de Ensino Superior de Itumbiara. Professor de Dança da Rede Municipal de Ensino de Itumbiara-GO. E-mail: rafaelgbueno@yahoo.com.br

² Docente da Universidade Federal de Uberlândia na Escola de Educação Básica, docente permanente dos Programas de Pós Graduação do IARTE (ProfArtes e PPGAC). Doutor em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Artes da Cena, Bacharel em Dança e Licenciado em Artes-Dança pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: grdcosta@gmail.com

cognitive development. The research, with a qualitative and explorative bases, will be based on a full-time public school, with children between 6 and 10 years old, through workshops, observation, logbook and semi-structured interviews. The aim of this research is to understand how dance improvisation establishes new ways of perceiving the body and disrupting pre-established patterns, applying and reframing essential elements such as space, time, relation and creation along with the students, which reverberate in pedagogical dynamics at school. The objective is also to contribute to inclusive, critical and creative pedagogical practices, valorizing improvisation as a powerful learning, expression and transformation of the school environment possibility.

KEYWORDS

Dance, elementary school, pedagogical practices, dance improvisation.

INTRODUÇÃO

A dança, enquanto linguagem artística e campo de conhecimento, ocupa um lugar singular na educação básica por mobilizar o corpo como território de aprendizagem, expressão e relação. Diferentemente de abordagens centradas exclusivamente na aquisição de conteúdos conceituais, a dança convoca experiências que integram percepção, sensibilidade, imaginação e criação, produzindo conhecimentos que se constroem no e pelo corpo em movimento. No contexto da infância, essa dimensão assume especial relevância, uma vez que o corpo constitui-se como principal mediador das relações com o mundo, com o outro e com a cultura.

Na escola, entretanto, a presença da dança ainda se mostra marcada por tensões e contradições. Embora documentos oficiais reconheçam sua importância para o desenvolvimento integral dos estudantes, observa-se que as práticas pedagógicas frequentemente restringem a dança a momentos pontuais, associados a apresentações comemorativas ou eventos institucionais. Documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhecem a dança como linguagem artística fundamental para o desenvolvimento sensível, expressivo e cultural dos estudantes na educação básica. Nessas situações, prevalece uma lógica de reprodução de coreografias previamente definidas, nas quais os alunos assumem um papel majoritariamente executante, com pouca margem para a criação, a escuta e a experimentação.

Esse modo de operar contribui para a consolidação de padrões corporais normativos, que tendem a homogeneizar gestos, ritmos e modos de presença, desconsiderando as singularidades das crianças e os diferentes repertórios culturais

que atravessam o espaço escolar. O corpo, nesse contexto, passa a ser compreendido mais como objeto de controle e adequação do que como lugar de experiência, invenção e produção de sentidos. Nesta pesquisa, compreende-se o corpo não apenas como instrumento de execução do movimento, mas como lugar de experiência, percepção e produção de conhecimento, perspectiva que dialoga com estudos do corpo na educação e nas artes. A dança, quando reduzida a produto final, perde sua potência pedagógica e estética, afastando-se de processos formativos que poderiam contribuir para aprendizagens mais significativas.

Diante desse cenário, a improvisação em dança emerge como possibilidade de deslocamento das práticas tradicionais, ao colocar em evidência o processo, a escuta sensível e a criação em tempo real. Improvisar implica abrir-se ao imprevisível, acolher o risco e reconhecer o corpo como campo de escolhas contínuas. Na escola, essa perspectiva permite instaurar outros modos de relação com o movimento, nos quais as crianças são convidadas a investigar o espaço, o tempo, o ritmo e o encontro com o outro a partir de suas próprias experiências corporais.

A improvisação, ao valorizar o aqui e agora da ação, rompe com a lógica linear e prescritiva do ensino, propondo um aprendizado que se constrói na experiência compartilhada. Nesse processo, o erro deixa de ser entendido como falha e passa a ser reconhecido como parte constitutiva da criação, favorecendo ambientes pedagógicos mais acolhedores e potentes para o desenvolvimento da autonomia e da expressividade. No campo da improvisação em dança, o erro pode ser compreendido como elemento integrante do processo criativo, uma vez que abre possibilidades para novas escolhas corporais, deslocamentos e experimentações no movimento.

É nesse horizonte que se insere a presente pesquisa, desenvolvida em uma escola pública de tempo integral com crianças de 6 a 10 anos, que busca investigar como a improvisação em dança pode ressignificar o lugar do corpo na escola básica. Ao compreender a improvisação como prática artístico-pedagógica, o estudo propõe refletir sobre seus efeitos nas dinâmicas de ensino e aprendizagem, bem como sobre sua potência para fissurar modelos pedagógicos baseados na padronização e no produto final. A pesquisa parte do entendimento de que o corpo, quando

reconhecido como lugar de experiência e conhecimento, amplia as possibilidades de formação sensível, crítica e criativa no contexto escolar.

No contexto do 8º Encontro de Pesquisas em Andamento (EPA), este trabalho assume o caráter de partilha de um percurso investigativo ainda em construção, valorizando os processos, as indagações e as experimentações que atravessam a pesquisa. Mais do que apresentar resultados conclusivos, o texto propõe socializar reflexões provisórias e pistas metodológicas que emergem da prática pedagógica com a improvisação em dança, reconhecendo o EPA como espaço de diálogo, escuta e troca entre pesquisadores que investigam o corpo, a criação e a educação. Nesse sentido, a escrita assume uma postura aberta e processual, em consonância com a própria lógica da improvisação, compreendida aqui como campo de investigação e produção de conhecimento em movimento.

DIÁLOGOS TEÓRICOS

A noção de experiência constitui um eixo estruturante desta investigação, orientando tanto a reflexão teórica quanto as escolhas metodológicas do estudo. No âmbito desta pesquisa, compreende-se a improvisação em dança como prática de composição em tempo real, na qual o corpo realiza escolhas contínuas a partir da relação com o espaço, o tempo e o outro, produzindo movimento no instante da ação. Essa perspectiva aproxima-se das abordagens que entendem a improvisação como processo de criação situado, no qual percepção, escuta e decisão se articulam continuamente durante o ato de dançar. Nesse sentido, a improvisação também pode ser compreendida como procedimento de composição em dança, no qual decisões estéticas e corporais são realizadas no instante da ação, configurando processos de criação compartilhada.

Para Larrosa (2002), a experiência refere-se àquilo que nos acontece e nos atravessa, produzindo sentidos e transformações. Trata-se de um saber que não se acumula, mas que se constrói na relação entre o sujeito e o mundo, exigindo tempo, atenção e disponibilidade. No campo da educação, essa compreensão desloca o foco da aprendizagem do acúmulo de informações para o vivido, para o sensível e para aquilo que afeta o corpo.

Essa perspectiva revela-se especialmente potente quando articulada ao ensino da dança, uma vez que o corpo em movimento constitui-se como espaço

privilegiado de experiência. A improvisação em dança dialoga diretamente com essa compreensão, ao organizar-se como prática que se constrói no encontro entre corpo, tempo e espaço. Diferentemente de propostas coreográficas fechadas, a improvisação convoca o sujeito a agir no presente, a perceber-se em relação ao ambiente e aos outros corpos, construindo sentidos no instante da ação.

No âmbito das artes cênicas, Telles (2007) compreende a experiência como atitude metodológica, na qual o fazer artístico, a observação e a reflexão se entrelaçam de modo indissociável. Essa concepção permite pensar a sala de aula como espaço de pesquisa compartilhada, em que professores e alunos constroem conhecimentos a partir das experiências vividas no processo. Transposta para a dança na escola, essa abordagem reforça a improvisação como prática que articula ensino, criação e investigação, deslocando o professor da posição de transmissor para a de mediador de experiências.

Ao discutir a dança na educação básica, Costa (2018) propõe a noção de prática artístico-pedagógica como acontecimento, atravessada por dimensões estéticas, culturais e políticas. Nessa perspectiva, o corpo não é apenas suporte da aprendizagem, mas lugar de atravessamentos, encontros e invenção. A improvisação, ao valorizar a presença e o acontecimento do gesto, potencializa essa dimensão, permitindo que a prática educativa se construa como experiência viva e situada.

Strazzacappa (2001) problematiza os processos de escolarização do corpo, apontando como a escola tende a produzir corpos disciplinados, regulados e padronizados. A autora discute como os dispositivos escolares frequentemente operam na direção de controlar gestos, comportamentos e modos de presença corporal, produzindo processos de normalização que atravessam o cotidiano educativo.

Marques (1997) defende que o ensino da dança deve considerar os contextos socioculturais dos alunos e seus modos singulares de mover-se. Dançar na escola implica reconhecer os repertórios corporais que as crianças trazem consigo e criar condições para que esses repertórios sejam ampliados e ressignificados. A improvisação, ao não impor modelos prévios de movimento, possibilita que as crianças articulem referências culturais, afetivas e corporais em seus processos de criação.

As pesquisas de Vilas Boas (2012) indicam que a improvisação favorece a participação ativa da criança na construção do próprio aprendizado, ampliando sua autonomia e sua consciência corporal. Miller (2012), ao abordar a dança a partir de uma perspectiva somática, reforça a importância da escuta do corpo e das sensações como caminhos para a aprendizagem. Muniz (2014) destaca o potencial da improvisação para deslocar hierarquias tradicionais nos processos de criação, fortalecendo práticas colaborativas.

Ribeiro (2015) compreende a improvisação como experiência estética marcada pelo risco e pela invenção, enquanto Silva (2017) e Santinho e Oliveira (2013) enfatizam a improvisação como prática de composição em tempo real, na qual o corpo realiza escolhas contínuas e estabelece relações com o espaço, o tempo e o outro. Esses aportes teóricos sustentam a improvisação como prática artístico-pedagógica potente para o ensino da dança na escola básica, especialmente quando orientada por uma perspectiva inclusiva e experiencial. Nesse contexto, a improvisação em dança aproxima-se de perspectivas pedagógicas que valorizam a experiência, a escuta e a experimentação como modos de aprendizagem, permitindo que as crianças participem ativamente da construção do conhecimento por meio do corpo em movimento.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, adequada à investigação de processos artísticos e pedagógicos que se constroem na experiência e no tempo do fazer. Considera-se que os fenômenos corporais e criativos demandam metodologias sensíveis às singularidades dos sujeitos e aos contextos em que se inserem. Nesse processo, o professor-pesquisador acompanha as oficinas de improvisação em dança de modo implicado, articulando prática pedagógica, observação e reflexão sobre os acontecimentos que emergem no cotidiano das atividades. O estudo está sendo desenvolvido em uma escola pública de tempo integral localizada no município de Itumbiara (GO), envolvendo crianças do Ensino Fundamental I, com idades entre 6 e 10 anos.

As ações pedagógicas organizam-se em oficinas de dança baseadas na improvisação, estruturadas a partir de disparadores corporais que exploram elementos como espaço, tempo, peso, fluxo, ritmo, relação e criação em tempo real.

As propostas não têm como objetivo a construção de coreografias fechadas, mas a criação de ambientes de experimentação nos quais as crianças possam investigar o movimento a partir da escuta do próprio corpo e do encontro com o outro.

Durante as oficinas, são privilegiadas dinâmicas que favorecem a atenção ao presente, a percepção das sensações corporais e a relação com o espaço coletivo. As crianças são incentivadas a tomar decisões, a propor movimentos, a observar e a dialogar corporalmente com os colegas, construindo processos de criação compartilhados. Essa organização busca respeitar os diferentes tempos, interesses e modos de participação, reconhecendo a diversidade como elemento constitutivo do grupo.

A observação participante constitui um procedimento central da pesquisa, permitindo acompanhar de forma próxima os processos de criação, as interações entre as crianças e as estratégias corporais que emergem ao longo das oficinas. O diário de campo é utilizado como instrumento de registro das percepções do pesquisador, contemplando descrições detalhadas de situações, gestos, falas, movimentos e acontecimentos significativos.

Em etapas posteriores, estão previstas entrevistas semiestruturadas com as crianças, com o objetivo de compreender como elas percebem e significam as experiências vividas nas práticas de improvisação. A análise dos dados será realizada por meio da triangulação entre observações, registros do diário de campo e entrevistas, buscando construir uma compreensão ampliada sobre os efeitos pedagógicos da improvisação no contexto da escola básica, bem como sobre seus desdobramentos nas dinâmicas pedagógicas da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas neste trabalho indicam que a improvisação em dança configura-se como uma prática potente para ressignificar o lugar do corpo na escola básica. Ao deslocar o foco do produto final para o processo, a improvisação amplia as possibilidades de aprendizagem, favorecendo experiências que integram criação, escuta, relação e autonomia.

Ainda que a pesquisa se encontre em andamento, observa-se que as práticas de improvisação instauram outros modos de estar e aprender na escola, tensionando padrões corporais pré-estabelecidos e valorizando a diversidade de

experiências das crianças. Ao reconhecer o corpo como lugar de conhecimento e experiência, a improvisação contribui para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis, críticas e inclusivas.

Espera-se que este estudo contribua para o campo da dança-educação e da pedagogia das artes cênicas, ao oferecer subsídios teóricos e metodológicos para a inserção da improvisação em dança no Ensino Fundamental, fortalecendo o diálogo entre arte, educação e escola pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Daniel Santos. Corpo-Festa: uma proposta poético-político-pedagógica no contexto da educação básica. **Revista Rascunhos**, Uberlândia, v. 5, n. 3, 2018.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MARQUES, Isabel A. Dançando na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 3, n. 1, p. 20-27, jun. 1997.

MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança? Dança e educação somática para adultos e crianças**. São Paulo: Summus, 2012.

MUNIZ, Zilá. **A improvisação como um elemento transformador da função do coreógrafo na dança**. 2014. Tese (Doutorado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

RIBEIRO, Mônica Medeiros. Experiência de improvisação em dança. **PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 162-172, nov. 2015.

SANTINHO, Gabriela Di Donato Salvador; OLIVEIRA, Kamilla Mesquita. **Improvisação em dança**. Guarapuava: UNICENTRO, 2013.

SILVA, Patrícia Chavarelli Vilela da. Projeto corpo e(m) movimento: a criança e a composição em tempo real. In: MUNDIM, Ana Carolina (org.). **Abordagens sobre improvisação em dança contemporânea**. Uberlândia: Composer, 2017.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 21, n. 53, p. 69-83, 2001.

TELLES, Narciso. **A experiência como atitude metodológica na pesquisa em teatro**. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS (ABRACE), 4., 2007, Belo Horizonte.



Anais [...] Belo Horizonte: ABRACE, 2007. p. 225-230.

VILAS BOAS, Priscilla. **A improvisação em dança**: um diálogo entre a criança e o artista professor. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.